

# Falta de tudo faz a agonia dos hospitais de Brasília

DF-SAUDE

21 JAN 1987

JORNAL DO BRASIL

Marcelo Tognazzi

**Brasília** — Josefa Francinete Costa, de 20 anos, vai morrer. Há oito dias internada na enfermaria do Pronto-Socorro Neurológico do Hospital de Base de Brasília, com neurocisticercose (doença cerebral causada pelo ovo do verme solitária), Josefa está condenada pela falta de leito na UTI do hospital. Seus últimos momentos estão sendo vividos numa minúscula sala de 3 metros por 3 metros, uma UTI improvisada onde antes era uma sala de cirurgia, que divide com dois pacientes também em estado de coma.

Este caso é um exemplo típico da situação caótica vivida nos nove hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Insatisfeitos com a falta de condições de trabalho e com os baixos salários, médicos e funcionários da Fundação, num total de 15 mil pessoas, podem entrar em greve a partir de fevereiro. O Sindicato dos Médicos e o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Saúde do Distrito Federal começam a mobilizar-se. Os médicos querem 15 salários mínimos de piso (Cz\$ 12 mil 260) e o pessoal do sindicato quer 100% de aumento no piso, que hoje é de Cz\$ 1 mil 127.

## Superlotação

No dia-a-dia do Hospital de Base de Brasília, o maior e mais movimentado deles, é comum a falta de materiais como algodão, gaze, remédios e profissionais especializados.

— O doente que chega aqui pode dar sorte, encontrar um especialista de plantão e ter seu caso resolvido, mas também pode ser obrigado a esperar horas a fio numa maca, num banco ou no chão, até ser atendido ou morrer — explicou a presidente do Sindicato dos Médicos do DF, Maria José Conceição.

No pronto-socorro do Hospital de Base — que saiu do ostracismo para a história quando lá foi internado o ex-presidente Tancredo Neves — uma legião de doentes amontoada em pequenos boxes e acomodada em macas, espera uma vaga para internação. Muitos morrem ali mesmo, como aconteceu com uma paciente portadora de malária, que veio do Pará. A médica que a atendeu contou que não havia aparelho disponível para hemodiálise e “sua única alternativa foi morrer”.

Na neurologia, onde mais de 20 doentes faziam fila para conseguir um leito, o caso mais dramático é o de Josefa Francinete Costa, 20 anos, paciente terminal. Num bilhete redigido num receituário da Fundação, uma enfermeira escreveu o drama da paciente.

Um médico que observava a doente com ar desolado, escreve numa folha de papel que faltam os medicamentos Hidantal, Gardenal e Epelin, todos usados para combater convulsões. “Isso não é culpa do hospital, mas das multinacionais fabricantes, que pararam de entregar remédios depois do Plano Cruzado”, desabafou o médico, acrescentando que não encontra o medicamento Akineton, para o Mal de Parkinson.

## Falta tudo

Na enfermaria da clínica médica, a história se repete. José André Jesus, internado dia 14 com insuficiência cardíaca congestiva, hemorragia digestiva e distúrbio psiquiátrico, estava sentado numa maca, olhar perdido.

— Nem sei mais há quanto tempo estou aqui. Só sei que estou com anemia e precisando de sangue. Muito sangue.

Neste momento, entra uma mãe com ar apavorado, arrastando pela mão uma criança. Diante da enfermeira, mostra um vidro onde está um escorpião vivo:

— Foi picada de escorpião. Ele precisa de soro.

— Aqui nós não temos pediatria, não podemos atender a criança.

A senhora vai ter de ir ao Hospital Regional da Asa Norte — disse a enfermeira.

— Mas eu telefonei antes de vir e me garantiram que meu filho seria atendido — protestou a mãe.

— Minha senhora, não tem jeito. Acho melhor a senhora ir logo para o HRAN — emendou um plantonista.

A mãe ainda tentou falar alguma coisa, mas desistiu e saiu com o filho. Neste momento, meio-dia, o almoço (arroz, fígado, batata, cenoura, salada, salada de frutas e refresco) começa a ser servido. Cada paciente recebe sua ração. Os que podem comer vão logo sentando na maca. Os que não têm forças, apenas observam.

— De noite é pior, porque só tem um atendente para cada enfermaria. Outro dia, um doente teve uma parada cardíaca e tive que largar outros dois para atendê-lo. Resultado: os três morreram — contou um atendente da clínica médica, acrescentando que, quando os doentes urinam ou defecam na maca, esperam horas até o lençol ser trocado, o que só acontece uma vez por dia.

Antes de o repórter deixar o hospital, um médico aproveita para mandar um recado aos constituintes:

— É bom que eles torçam para não pegar doença grave ou sofrer acidentes e complicações, porque senão vão ser obrigados a dar a vaga para o suplente. Aqui no HBB é difícil de entrar e de sair.

## Greve

A situação dentro dos hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal pode ficar ainda mais complicada a partir de fevereiro, quando médicos e funcionários detonam campanha por melhores salários e condições dignas de trabalho. Maria José Conceição, presidente do Sindicato dos Médicos, e Sônia Helena Bezerra de Assis Republicano, presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Saúde do Distrito Federal (o **sindicato**), prometem greve se as reivindicações não forem atendidas pelo governador José Aparecido, que há quatro meses sintetizou a solução que acha conveniente para o HBB: “Tem que implodir.”

Ontem, Sônia ficou reunida com a direção do **sindicato**, traçando a estratégia de ação junto às bases da categoria. Hoje, ela e vários outros dirigentes sindicais dão entrevista coletiva às 15h para dizer que querem aumento salarial de 100% (o piso hoje é de Cz\$ 1 mil 127) e que a Fundação cumpra as cláusulas do acordo assinado em setembro com a categoria, como, por exemplo, notificação com antecedência ao sindicato de cursos e concursos, criação de comissão para instalar creches e criação de plano de cargos e salários para 12 mil funcionários.